

PMS	11/11	GERIN
BIB	11/11	CA
Jornal	A Tarde	
Data	06/05/08	
Capítulo	Opinões	8
Seção		
Assunto	Ilha de Maré	

Ilha de Maré vive rotina de problemas e carências

ISOLAMENTO

Transporte é ruim e comunidade sente também a falta de policiamento

FLÁVIO OLIVEIRA

Um pedaço de terra muito bonito, cercado de problemas por todos os lados. É assim que os moradores enxergam a Ilha de Maré, localizada em plena Baía de Todos os Santos e que só é acessível por travessia de barco a partir de terminal em São Tomé de Paripe, subúrbio de Salvador. Aliás, o transporte é o principal motivo de queixa dos moradores. Em seguida estão a limpeza, a segurança, a saúde e ausência de áreas de lazer e de escolas que atendam à população local a partir da 5ª série.

O transporte marítimo para a ilha sofre várias limitações. Existe apenas um terminal em Salvador, que fica afastado do centro da cidade. As lanchas (cerca de 20) deixam de fazer a travessia a partir das 16 horas. Essas embarcações são lentas e o trajeto dura, a depender das condições da maré, de 20 a 40 minutos.

Na Ilha de Maré só existe um ancoradouro, na localidade de Botelho. Nas localidades de Santana e Praia Grande – as mais habitadas –, a população tem de caminhar com a água acima do joelho (isso quando a maré está baixa) para atingir terra firme. “É que em Botelho ficam as casas dos veranistas com mais dinheiro. Dia de domingo, por exemplo, lá fica cheio de iate de grã-fino”, disse a professora aposentada Celeste Maria da Paixão, 66 anos.

As lanchas são usadas pelos moradores da ilha que precisam



Localidades pobres nem ancoradouro têm para o desembarque

trabalhar ou mesmo pagar contas em Salvador. Na Ilha de Maré não existe sequer posto dos Correios. Assim, a população local – estimada em seis mil pessoas – é forçada a procurar outros bairros da capital baiana para pagar IPTU, luz, telefone e água, além de fazer supermercado, uma vez que o comércio na ilha se resume a barracas de praia.

Só na reza

A juventude de Maré – que não é pequena, pois, segundo a professora, cada família que habita o local é composta em média por seis pessoas – sofre com a falta de uma escola que atenda aos alunos que ingressam no ginásio. Com isso, os estudantes são obrigados a fazer a travessia para poder estu-

dar em colégios de São Tomé de Paripe ou de outras localidades do subúrbio de Salvador. Outro motivo de queixa dos jovens é a falta de opções de lazer, como quadras de esportes, por exemplo.

O lazer na ilha, segundo o desempregado Gildásio Barbosa, 40 anos, resume-se a praia e álcool. “Quando a bebida sobe na cabeça começam várias brigas, principalmente em época de festas, e aí não tem nenhum policial para solicitarmos ajuda”, falou. Segundo ele e outros moradores, a polícia só vai à Ilha de Maré quando ocorre um assassinato e o corpo precisa ser removido. “Não existe nenhum tipo de investigação”, comentou o funcionário da Limpurb Adeilton Conceição das Mercês, 42 anos.

Outra queixa contundente é com relação à ausência de médicos e de um posto de saúde que funcione. Os moradores afirmaram que, em casos de acidente ou parto, são atendidos na Base Naval de Aratu, em São Tomé de Paripe. “Aqui, temos de rezar para que não aconteça nada. Se acontece, temos de rezar para que ninguém morra antes de a travessia acabar”, comentou a professora.

Parece que as orações dos fiéis têm dado certo, e problemas graves de saúde não costumam atingir a população da Ilha de Maré. Mesmo assim, crianças e adultos sofrem com doenças causadas pelas péssimas condições de limpeza, como diarreia. O esgoto é a céu aberto e corre para o mar, principal fonte de lazer e de sustento da comunidade. O lixo é recolhido das casas diariamente, mas depositado em um terreno na Praia do Tamoabo. A Limpurb recolhe o lixo e o carrega para Salvador apenas às segundas e sextas-feiras.